

FONTE : JB

CLASS. : 173

DATA : 11 04 91

PG. : 06

Depressão abate caiapós

Índios começam a beber, a brigar e a se prostituir

Belém - Os índios caiapós, que vivem no Sul do Pará, estão enfrentando uma grave crise coletiva de identidade cultural, que pode ter consequências desastrosas para a existência da maior nação indígena da Amazônia. Este é o diagnóstico do cacique Tuto Pombo, líder da aldeia Krikretum, no Rio Fresco, afluente do Rio Xingu, a 60 quilômetros de São Félix do Xingu. Quando se comemora a Semana do Índio, Pombo, que cultiva um antigo projeto para reunir todos os povos de origem caiapó numa só reserva de 12 milhões de hectares, estendendo-se até Mato Grosso, conta que seu povo está deprimido e descrente no futuro, apesar de ter acumulado considerável riqueza material nos últimos 20 anos, fruto das indenizações que recebeu da Elettronorte pelas áreas inundadas pela hidrelétrica de Tucuruí.

Sem saber precisar as causas da depressão que abate seu povo, o cacique responsabiliza os órgãos federais. "Não temos mais assistência da Sucam, da Polícia Federal, nem do Departamento Nacional de Produção Mineral

(DNPM)", queixa-se o cacique. Pombo diz que hoje há casos de prostituição entre as jovens de sua aldeia, alcoolismo e brigas.

Pombo acredita que a questão pode ser resolvida com a presença do governo nas aldeias, para levar remédios e saúde preventiva, além de orientação na área social. Na área financeira, tudo indica que o cacique Cotia, uma espécie de ministro da Fazenda, vai-se saindo a contento. Mesmo assim, ele não consegue fazer uma justa distribuição das riquezas.

Pombo está seriamente preocupado com o destino de seu povo. "Eles querem que o governo regule a existência de sua tribo e, ao mesmo tempo, dê condições para o desenvolvimento de sua gente", observa o superintendente da Funai, Salomão Santos, para quem ainda não há paralelo entre os caiapós e os suicidas guaranis, mergulhados em idêntica crise existencial, no Paraná. Ele adverte, no entanto, que é preciso o governo federal ficar alerta para a situação, a fim de evitar que a tragédia dos guaranis se repita no Pará e no Amazonas. "Temos exemplos de índios que já não têm, praticamente, onde viver, espremidos pelos fazendeiros, e já perderam as características próprias de sua tribo", argumenta o superintendente.